



Entrevista

Prof. Dr. João Carlos Bouzas

Que o Brasil é considerado o país do futebol, todos estamos cansados de saber. Basta acompanhar as discussões em torno do assunto nas diversas rodas de conversas, sites noticiosos, programas de TV etc. No entanto, são poucos os que enxergam o futebol com outros olhos, passando a tratá-lo cientificamente. Pensando nisso, o professor e doutor em Educação Física João Carlos Bouzas, da Universidade Federal de Viçosa (MG), criou a Revista Brasileira de Futebol – publicação que reúne trabalhos importantes de Profissionais de Educação Física de todo o país. Confira a entrevista!

O clube de futebol precisa entender que a pesquisa é importante para poder melhorar a qualidade de trabalho, dando uma melhor fluidez no processo profissional.

E.F. – Como surgiu a ideia de criar a Revista Brasileira de Futebol?

Prof. Dr. João Carlos Bouzas – O passo anterior à revista foi o Curso de Especialização em Futebol, que começou em 2004, e que recebe alunos do Brasil inteiro. No final do curso, os alunos precisam fazer um trabalho científico. E o que acontecia? Estavam sendo realizados trabalhos muito interessantes, mas que terminavam nas prateleiras. É claro que no Brasil existem diversas revistas de futebol, de um cunho jornalístico, para a população em geral. Mas não tínhamos uma publicação científica com foco neste esporte.

E.F. – De que forma as pessoas podem ter acesso à revista?

Ela é digital, com acesso gratuito. Hoje, com cerca de dois anos de existência, já temos perto de 19 mil acessos. O fato de ser digital atende ao objetivo de democratizar o acesso para a população em geral, para os profissionais que trabalham com futebol e aquelas pessoas que queiram conhecer trabalhos sérios.

E.F. – Como é a relação entre os clubes de futebol e o meio acadêmico?

Eu acho que existe uma dicotomia ainda entre o mundo profissional e o acadêmico. O clube de futebol precisa entender que a pesquisa é importante para poder melhorar a qualidade de trabalho, dando uma melhor fluidez no processo profissional, desde a chegada de um garoto na escolinha, por exemplo, até a saída deste como jogador profissional. Por outro lado, o futebol tem em volta de si um conjunto de fatores extremamente interessantes, como a administração, supervisão, nutrição, fisiologia, pedagogia etc. Ou seja, tudo isso precisa de respostas, e quem pode dá-las é o meio acadêmico. O que falta é uma melhor integração entre o mundo acadêmico e o profissional.

E.F. – Então quer dizer que falta aos clubes de futebol enxergar a pesquisa como sendo de extrema importância para o desenvolvimento do trabalho deles?

Obviamente. Só para citar um exemplo: na alimentação, grande parte da pesquisa é feita nas universidades, mas em paralelo com o mundo profissional, com grandes empresas, como a Nestlé, Lacta, Sadia etc. Em outras áreas, isso já existe. Já no futebol, ainda está muito distante. É necessário haver essa aproximação, um entendendo as razões do outro, para fazer essa ponte.

E.F. – É possível essa aproximação?

Eu acho que sim, mas isso vai acontecer com o tempo. E essa ação temporal, dentro de um contexto histórico, vai ser longa. Mas vai surgir. Hoje para se ter uma empresa de melhor qualidade, precisa-se de pesquisa. Em um ou outro clube isso já acontece, como o Cruzeiro, que possui uma boa estrutura. O Atlético-MG também vem seguindo os passos do rival. Outro exemplo é o São Paulo, onde se faz ciência lá dentro. Isso demora, porque você tem que quebrar paradigmas, ter dirigentes de “cabeça aberta”.

E.F. – O Sr. poderia citar alguma pesquisa histórica que tenha sido utilizada em benefício do futebol?

Claro! Em 1970, por exemplo, a pesquisa de Fisiologia foi importante para a conquista do tricampeonato mundial da Seleção Brasileira. Com base no conhecimento do problema da altitude, que se teve através dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, o (preparador físico) Claudio Coutinho e o Prof. Lmartine Pereira fizeram um planejamento de adaptação à altitude. Os atletas realizaram um treinamento da capacidade aeróbica aqui no Brasil muito bom, e depois fizeram um período de adaptação (no México). Isso fez com que a equipe chegasse em condições físicas excepcionais para disputar a Copa. O foco científico no esporte tem esse como um momento histórico. Hoje, o que se faz no Brasil em termos de ciência aplicada ao futebol, incrivelmente, é muito mais desenvolvido do que em outros países, como Espanha, Portugal etc. A nossa preparação física não perde em nada para o que é feito lá fora. E ela é fruto do trabalho do Profissional de Educação Física, que teve uma boa base na universidade.

E.F. – Por fim, como o Sr. vê a pesquisa em Educação Física no país?

As pesquisas de qualidade no Brasil estão diretamente vinculadas aos cursos de doutorado e de mestrado. Pela dinâmica de exigências da manutenção e avaliação desses cursos, nos últimos dez anos a pesquisa tem dado saltos de qualidade significativos. E a Educação Física não fica de fora deste contexto. A quantidade de publicações que nós temos hoje é muito maior do que tínhamos há 20 anos, quando praticamente não se publicava nada em Educação Física no exterior. Pensando de maneira geral, a comunidade científica em Educação Física no Brasil sempre que for chamada a contribuir, tem totais condições para isso. 🍷

***Contato Prof. Dr. João Carlos Bouzas – jcbouzas@ufv.br
Revista Brasileira de Futebol – www.rbfutebol.com.br***

